

# A vida que insiste: reflexões sobre a sobrevivência e as zonas de resistência

Ana Gebrim

## UMA CENA

Em 2014, uma situação salta aos olhos dentre as notícias diárias: no campo de refugiados de Calais, na França, até então conhecido controversamente como *Jungle*, uma pequena organização humanitária decidira oferecer a um grupo de refugiados recém-chegados ao acampamento uma refeição tida como típica dessa mesma região. Os funcionários passaram o dia preparando a refeição com esmero, incluindo todos os condimentos e ingredientes da receita. Depois de servirem as “quentinhas”, os membros da organização aguardavam satisfeitos e ansiosos a boa reação diante da iniciativa caridosa, quando foram tomados por uma perplexidade: quase todas elas tinham sido atiradas ao mar. Ao indagarem o porquê de tamanha desfeita, muitos dos refugiados não tardaram em dizer que a marmitta estava intragável, havia condimentos demais.

## ARMADILHAS E DESLOCAMENTOS

Se o processo de globalização tem sido caracterizado pela circulação quase irrestrita do capital, cada vez mais os corpos submetem-se a uma trama muito bem delimitada. Viajar – para além dos muros dos grandes blocos econômicos – é verbo intransitivo exclusivamente para populações de determinados países, classes sociais elevadas ou turistas – todos aqueles que gozam da pretensa liberdade de deslocamento através das companhias aéreas e seus passaportes apropriados ou devidamente carimbados, mas praticamente apenas a título de consumo – aos outros, quase todos, do além-mar, o deslocamento e a deriva parecem ser os únicos destinos possíveis (GEBRIM, 2012; GLEICH, 2015). Transações comerciais, envio e recebimento de divisas, compras de mercadorias (tantas vezes isentas de impostos) de qualquer espécie em plataformas *on-line* são operações efetivadas em poucos segundos por meio de qualquer dispositivo eletrônico, tal como um *smartphone*<sup>1</sup>. Concomitantemente a esse fenômeno, assistimos à proliferação de muros, barreiras e fronteiras construídas para impedir o trânsito livre de pessoas em busca de se deslocarem ou se instalarem. No curso desse processo, também centenas de milhares de pessoas morrem, a cada ano, naufragadas em mares, desertos ou nos perigosos percursos rumo aos países em que buscam refúgio ou instalação.

Quando comecei a trabalhar com refugiados e a ouvir suas narrativas, as categorias de *migrações forçadas* e *migrações desejadas* passaram a ressoar seu caráter, tanto arbitrário quanto revelador, de um processo bastante singular dos deslocamentos contemporâneos e, nesse sentido, uma questão passou a insistir: o que move as pessoas a se deslocarem apesar das mais profundas destruições e restrições? Trataremos de abordar essa questão sob alguns aspectos.

Sobre as arbitrariedades das categorias, duas me parecem ser as razões preponderantes: 1) porque pretendem separar as chamadas migrações motivadas por fatores econômicos das migrações que justificam a solicitação de refúgio de acordo com a Convenção de Genebra – separação mais do que tudo moral, entre necessidade, urgência e legitimidade de instalação em função de fatores determinados; e 2) porque reduzem dicotomicamente a experiência de deslocamento entre, de um lado, só a um anseio de migrar e, de outro, a um caráter unicamente forçado, quase que sem agência do sujeito.

Ambas são categorias do direito internacional, mas que nos interpelam diretamente, uma vez que vêm nomear a experiência de deslocamento dos

1 É importante lembrar que todo *smartphone* é produzido através do metal Coltan, um mineral que é extraído por trabalho escravo na República Democrática do Congo e que ocasiona grande parte dos conflitos e precarizações e violências na região, impelindo grande parte dos deslocamentos do país.

sujeitos. Deixar de considerar a dimensão forçosa de deslocamentos motivados por razões econômicas e considerá-las somente como desejadas é revelador de uma lógica que ignora a precariedade social engendrada pelas lógicas do capital ao redor do mundo; na mesma medida em que deixar de considerar a dimensão desejante dos deslocamentos motivados por razões de perseguições e destruições ignora toda a potência de resistência dos sujeitos confrontados com condições extremas, delegando a eles somente uma posição quase cristalizada de vítima.

Diante de tantos relatos de horror, perda, destruição e urgência das diversas formas de migração, a dimensão da sobrevivência parece ser elemento preponderante, mas sobretudo em seu caráter de potência da insistência de vida. Morrer sempre me pareceu ser uma escolha possível, e é nesse sentido que essa questão passou a ressoar: como depois de tantas perdas e destruições a eles infligidas, alguns sujeitos não só permanecem vivos, como têm a força de se deslocar, e uma vez em um novo país, mesmo que atravessados por um profundo sofrimento, logram reconstruir suas vidas e refazer laço? Reconstrução essa marcada pelo trauma do acontecimento, mas que adquire dimensão de resistência e luta face às condições extremadas da vida. De que ordem então se trata essa insistência de vida que segue pulsando à revelia das dinâmicas mais totalizadoras?

Do ponto de vista pulsional, podemos relançar a pergunta: relação particular entre Eros e Thanatos (DAVOUDIAN, 2014), em que conjunção de pulsões poderíamos compreender o fenômeno de permanecer vivo diante de situações de destruição alastradas? Ou ainda, como abordar uma migração como sendo forçada se sua maior condição foi a de se deslocar? Tendo como disparador esse conjunto de perguntas, a simples divisão entre migrações forçadas e desejadas é reveladora de uma determinada economia moral e profundamente redutora de um processo mais complexo de insistência da vida.

Como vimos anteriormente, as trajetórias dos deslocamentos atuais muitas vezes são marcadas por longas e árduas jornadas nas condições mais extremas. O périplo perseguido por milhares de pessoas diariamente em uma geografia mundial cada vez mais marcada por fronteiras muradas faz com que a insistência pela vida esteja permanentemente confrontada pela ameaça de morte. Entre muitos encontros, faço alusão aqui a muitas das pessoas que conheci nas ruas de Paris recém-chegados na capital francesa. Diversos foram os relatos das jornadas de deslocamento, muitos meses, muitos acontecimentos, também muito medo e risco empreendido, sempre a vida por um fio, que permanece insistindo. Alguns contaram-me da travessia do deserto do Sahara, de todos os mortos pelo caminho, os meses em cativo escravidão na Líbia: ao que uma jovem eritreia me disse: “*disso não posso*

*dizer nada, não tenho palavras para falar do que me aconteceu, nunca nenhum ser humano deveria saber o que se passa na Líbia*”, a travessia pelo Mar Mediterrâneo, a chegada à Itália, as fronteiras europeias terrestres. Medo, fome, desamparo, frio, violência policial, hostilização nas cidades, esperas incessantes e muita suspensão. Essa jovem, como milhares de outras pessoas de todas as idades, insistem e chegam a Paris – e tantas outras cidades – ainda sem saber muito o que esperar ou o que buscar. Pessoas que procuram a cada dia garantir a sobrevivência no inverno europeu, ter um lugar onde dormir e auxiliar suas companheiras de viagem, algumas doentes e com dores de tanto andar. Penso ininterruptamente: o que faz tantos sujeitos, como essa jovem, empreenderem percursos como esses à revelia de tudo que pretende barrá-los?

Se pulsão de vida se refere a todo movimento humano que faz laço, constrói e cria unidade, e, em outra via, pulsão de morte de tudo o que separa, desconecta e destrói unidade, como pensar a sobrevivência diante de condições extremas? Nesse mesmo sentido, a psicanalista francesa Nathalie Zaltzman (1974) formulou uma questão semelhante: como resistem os que vivem situações limites? A partir de que fonte de energia?

É dessa interrogação que ela propõe o conceito de *pulsão anarquista*, a pulsão revolucionária, essa mesma que insiste com vida diante da iminência da morte. Conceito profícuo para pensarmos na dinâmica pulsional própria dos contextos de migração em situações limite. Energia da pulsão de morte, a pulsão anarquista é aquela que sustenta transformação através do desligamento, que mantém a vida nas condições mais extremas, que proporciona manutenção de vida, mas também mudança e deslocamento quando morte representa ligação.

Isto é, em face da perda de todos os mais queridos, morrer não seria a continuidade das forças de ligação de Eros? Morrer diante da destruição massiva de todos os seus pode ser, nesse sentido, pulsão de vida – em seu sentido de ligamento e unidade. Permanecer vivo – mas não só, pois migrar implica na renovação permanente de insistir com o projeto de deslocamento – é sustentar o desligamento de forma constante a tudo aquilo que outrora representava unidade, e aqui podemos pensar em deslocamento geográfico, língua, cultura e outros referenciais.

É da investigação sobre a sobrevivência em estados-limite, que Zaltzman pretende mostrar uma história da pulsão de morte que não seja somente de agressividade ou de finalidade mortífera, mas de vicissitudes úteis à vida. Isto é, trata-se de um trabalho psíquico de Thanatos sem efeitos mortíferos, pulsão de morte que cria condições revolucionárias de mais vida, de outra vida. Condições para a transformação de uma vida em outra vida. Que outro movimento representa esse deslocamento tão bem senão as migrações? No

deslocamento, não só a possibilidade de salvar a própria vida, mas também a de se fazer outro em outro lugar.

A pulsão anarquista, energia da pulsão de morte, é revolucionária justamente por seu caráter de resistência à aniquilação. Sobreviventes que migram hoje, resistem com sua insistência de vida igualmente a todas as lógicas hegemônicas que visam destruir, anular e aniquilar seus corpos, suas narrativas e seus modos de existência. Assim, a energia dissociativa de Thanatos parece ser capaz de produzir o ímpeto libertário de permanecer vivo.

Trata-se, portanto, da insistência da vida em zonas de resistência do sujeito. Zonas de resistência diante dos mecanismos destrutivos de um poder que executa o deixar morrer fazendo morrer nas fronteiras, a partir do próprio mortífero pulsional. Isto é, perante da maquinaria mortífera de aniquilação das populações-resto, da necropolítica (MBEMBE, 2018) a resistência de permanecer vivo. Insistência e resistência, dois significantes possíveis para pensarmos em um dos destinos pulsionais de sujeitos diante de sua própria aniquilação. Se, de um lado, as dinâmicas totalizadoras não cessam de reduzir os sujeitos a seus corpos, é com seus corpos que, implacavelmente, eles resistem e insistem com suas presenças. Trata-se, portanto, de uma pulsão política.

Da necessidade de permanecer vivo e insistir em chegar onde querem à revelia de todas as dinâmicas mortíferas de aniquilar esses mesmos corpos. Com a pulsão revolucionária, Zaltzman se propõe a pensar no destino e nas possibilidades de travessia da experiência-limite para o sujeito. Ao apropriar-se da morte a serviço da vida, a pulsão anarquista obtém energia de luta nas zonas de resistência do sujeito. Assim, migrações em contextos extremados da vida são tanto forçadas quanto desejadas: uma relação dialética que permanentemente relança o sujeito em movimento.

Isto é, muito mais do que optar por uma categoria ou por outra, ou mesmo de propor uma nova categoria, pensamos na dinâmica dos deslocamentos contemporâneos como a relação permanente entre a dimensão forçosa e desejada. No trânsito, o sujeito pode se fazer valer dos dois extremos, ou ainda, fazer valer a dimensão do deslocamento lançando mão da significação das duas categorias. Compreendida enquanto dimensão forçosa, os sujeitos fazem da categorização também o reconhecimento de uma condição real vivida e da possibilidade de fazer valer um direito: o do refúgio. Em sua dimensão desejante, também pode-se fazer significação, movimento e reinvenção de vida em terra de exílio. Isto é, a chegada em novo lugar só é possível na medida em que algo singular, mas também coletivo, for mantido.

Diante dos botes infláveis superlotados que erram pelo Mediterrâneo, sustentamos a possibilidade de uma escuta que favoreça a ancoragem em terra de exílio através de uma presença-porto no encontro com o analista. Diante

das questões de mobilidade e instalação em uma nova cidade, pensamos em um analista desterritorializado de seu *setting* tradicional e que faz de sua própria circulação modos próprios de escuta. Diante da proliferação dos muros e barreiras de impedimento de passagem e do discurso de criminalização às migrações, pensamos nas intervenções de um analista-coiote (GEBRIM, 2018) no sentido de criar condições para o livre trânsito, instalação e, do duplo como possibilidade de enunciação para o sujeito. Diante da gramática de patologização do sofrimento e da compreensão das migrações como fator de risco, propomos a escuta do enlouquecimento como tentativa de representação e politização do acontecimento e da experiência.

Desse modo, sustentamos um certo caráter clandestino da psicanálise (ou pestilento, no sentido freudiano) diante da violência dos discursos hegemônicos de aniquilamento das populações mais pobres ao redor do mundo. Nos interessamos pela dimensão da clínica que favoreça, por meio do encontro, as modalidades de resistência dos sujeitos em suas formas mais criativas de existência. Igualmente, pretendemos levar em conta e incluir os possíveis modos de desalienação do analista em relação aos discursos hegemônicos no sentido das potencialidades de circulação, instalação e desejo dos sujeitos. Em suma, compreendemos as migrações como um fenômeno de deslocamento humano propulsor de múltiplas possibilidades de remontagens subjetivas, como reinvenções de novos modos de existência e, sobretudo, enquanto formas potentes de resistência na contemporaneidade.

Voltemos ao início do artigo, na cena composta por agentes humanitários que preparam uma refeição tida como típica e dos exilados que atiram as mesmas ao mar denunciando o excesso de condimentos. Nela, vemos tanto o desencontro entre necessidade e desejo, entre oferta e demanda como, sobretudo, a potência de uma resposta de sujeitos que insistem em não se identificarem por completo ao lugar que lhes é constantemente atribuído. Sujeitos que parecem anunciar que não se reduzem aos lugares pelos quais são tomados. Aqui, humanitário é somente uma figura do discurso que ora homogeniza, ou patologiza, criminaliza e vitimiza sujeitos que – dentre tantos aspectos, marcas, singularidades e atravessamentos – migram dos países mais pobres aos países mais ricos. O que fazer então quando os indesejáveis desejam? Na cena inaugural o que parece se instaurar é o embaraço, ou mesmo um certo ressentimento.

Com essas reflexões, tentamos abordar alguns aspectos de uma intervenção clínica que possa favorecer os modos pelos quais os sujeitos resistem às dinâmicas de aniquilação de sua condição desejante, e insistem em sua existência. Como insistência e resistência, portanto, pensamos nos diversos modos em que os sujeitos fazem das migrações, tanto desejadas quanto forçadas, modos

de existência contemporâneos. As marmitas condimentadas atiradas ao mar desvelam, nesse sentido, a *outra cena* do discurso que produz indesejáveis. Aqui pensamos nos destinos vitais da pulsão de morte ou nos destinos mortíferos da pulsão de vida. Haveria potencial mais mortífero da pulsão de vida do que alimentar vítimas com rações condimentadas que simulam pratos familiares? No mínimo, poderíamos tomar como um insulto. Ao mesmo tempo, haveria potencial mais vital da pulsão de morte do que, mesmo com fome ou com *homesick/mal du pays*, sustentar a dignidade (SAGLIO-YATZIMIRSKY, 2016) de não ser tomado como um resto pelas mesmas políticas de aniquilação que pretendem deixar as populações tão somente em vida? No mínimo podemos tomar como um ato de resistência.

## REFERÊNCIAS

DAVOUDIAN, C. L'exilé : sujet idéologique. *Exilé et "sans papiers"*, 2015. Disponível em: <<http://olivierdouville.blogspot.com/2015/04/lexile-sujet-ideologique-exile-et-sans.html>>. Acesso em 12 se 2017.

GEBRIM, A.; GLEICH, F. *Notícias do mar: sobre corpos não desejados e a política dos deslocados*. Le Monde Diplomatique Brasil, 2015.

GEBRIM, A. *Psicanálise no front: a posição do analista e as marcas do trauma na clínica com migrantes*. 2018. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

MBEMBE, A. *Necropolítica*. São Paulo: N-1 Editora, 2018.

ROSA, M.D. *A clínica psicanalítica em face da dimensão sociopolítica do sofrimento*. São Paulo: Editora Escuta, 2016.

SAGLIO-YATZIMIRSKY, M.C. Temps du trauma, terre de l'asile, in: *Migrations, réfugiés, exil*. Dir. P. Boucheron. Colloques Collège de France, Odile Jacob, pp. 201-216. 2017.

ZALTZMAN, N. *A pulsão anarquista*. Editora Escuta, 1974.